



## AS SINGULARIDADES DAS INFÂNCIAS RACIAIS DESENVOLVIDAS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Crisley de Souza Almeida Santana<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo conhecer e analisar as práticas dos professores de Educação Infantil em relação às questões das singularidades e subjetividades das crianças negras, observando sua maneira de lidar com a diversidade em sala de aula e a forma como influenciam as relações entre as crianças. Além disso, busca identificar princípios teórico-metodológicos que possam orientar a formação e a prática docente voltados para uma educação das relações étnico-raciais na Educação Infantil. Os referenciais teóricos apresentados problematizam a questão e aprofundam a temática e sua relevância acadêmica. Percebe-se a importância de se mobilizar olhares, posturas, idéias, apresentando possibilidades de mudança em relação às práticas pedagógicas do cotidiano escolar como forma de eliminação das discriminações e preconceitos em relação ao assunto. Importante observar a necessidade de reflexão sobre a construção das identidades das crianças negras na escola e os avanços que precisam ocorrer na prática dos professores da Educação Infantil para que a escola atue na perspectiva de uma educação democrática e cidadã, respeitando os sujeitos na suas singularidades e origens étnicas.

**Palavras-chave:** Infâncias; Práticas Pedagógicas; Educação Infantil.

### Introdução

Em busca de melhorias referentes ao desenvolvimento de ações e a importância de práticas intencionais que busquem contemplar a diversidade étnico-racial de forma consciente, se faz necessária uma maior competência profissional, um maior estudo de possibilidades sobre a valorização da diversidade no dia a dia das unidades escolares da educação infantil.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil destacam a necessidade que as atividades desenvolvidas pelas escolas de educação infantil promovam a dignidade da criança como pessoa humana e a proteção contra qualquer forma de violência (Brasil,

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS/FAED. Professora da Educação Infantil. Bolsista Capes. Pesquisa sobre (Infâncias e as Relações Étnicas e Raciais). crisley.breno@hotmail.com



2010). A escola, como instituição social, é responsável pelo processo de socialização dos sujeitos que a ela recorrem, a exemplo das crianças, e, nesse sentido, é através dela que se estabelecem relações com crianças de diferentes núcleos familiares e, inevitavelmente, de diferentes matrizes culturais. Esse contato entre diferentes poderá fazer da escola o primeiro espaço de vivência das tensões raciais.

A relação estabelecida entre crianças brancas e negras numa sala de aula pode acontecer de modo tenso, ou seja, segregando, excluindo, possibilitando que a criança negra adote em alguns momentos uma postura introvertida, por medo de ser rejeitada ou ridicularizada pelo seu grupo social. O trabalho busca analisar referenciais teóricos que possam orientar a formação e a prática docente dos professores voltados para uma educação das relações étnico-raciais na Educação Infantil. Se faz necessário toda e qualquer percepção para que se faça um trabalho efetivo com todos os envolvidos na educação no campo das relações étnico-raciais. Ao tratarmos da Educação para os Direitos Humanos, buscamos uma educação que permeie todas as esferas sociais a partir das práticas de reconhecimento e afirmação dos direitos.

Candau (2007) afirma que a Educação em Direitos Humanos baseia-se em três pilares: a formação dos sujeitos de direito, o empoderamento e a educação para o nunca mais. O primeiro pilar diz respeito à percepção dos direitos enquanto cidadão, direitos que não são uma dádiva, mas são assegurados por lei. O segundo pilar se refere ao empoderamento do sujeito ou grupos sociais que são tratados como minorias. Esse empoderamento é relacionado ao ato de tomada de consciência e participação ativa nas ações sociais que compõem a ordem social. É de fato se afirmar cidadão e ocupar seu lugar de direito. E o educar para nunca mais se trata de reconhecer e valorizar a sua história e cultura, rompendo com a cultura do silêncio e impunidade ainda fortemente presente na escola. Nesse sentido uma série de políticas educacionais vem exigindo que a questão das diferenças esteja presente nas instituições escolares.

Assim, a instituição escolar precisa estar aliada a um planejamento que contemple



reflexões sobre a importância de se trabalhar a diversidade étnico-racial, pensando propostas comprometidas com uma educação que valorize e reconheça as crianças em suas especificidades. Assim, este estudo é mais uma contribuição para a temática, escola e sociedade, na qual o conhecimento científico busca trazer subsídios para a área de formação de professores de modo a continuar sendo um instrumento de luta por espaços de investigação que venha ajudar no aprofundamento dessa importante temática e na superação de preconceitos e desigualdades sociais.

### **As considerações das singularidades da criança negra na educação infantil**

Fomos colonizados e isso por si só bastaria para iniciar a explicação de todo contexto histórico de desigualdade que assola o país. As experiências vivenciadas no cotidiano escolar acerca das questões relacionadas à diversidade étnico-racial nos mostram que em diversos discursos seja de alunos, professores, famílias as desigualdades étnico-raciais continuam presentes no âmbito educacional. A identidade do negro é associada à ideia de escravidão, de trabalho braçal, de inferioridade intelectual e de atraso tecnológico.

Mas em que consiste a palavra identidade? Antes de tudo, é propício pontuar que definir ou resumir identidade não é uma tarefa fácil, ao contrário, é algo bastante complexo e até mesmo controverso. Na tentativa de realizar tal tarefa, apresentarei concepções de autores que contribuíram de forma significativa para a compreensão do tema.

De acordo com Hall (2003) o caráter sócio-histórico-cultural e político das identidades são construídos nas relações de poder, de interações materiais e simbólicas e como tal não pode ser pensada fora do campo de tensão contínua e processual. O conceito de identidade desenvolvido por Hall (2014) nos diz que as identidades estão constantemente em processo de mudança e transformação, e que as identidades são construídas cada vez mais fragmentadas, sendo multiplamente construídas ao longo dos discursos, práticas e posições. Gomes afirma que:

[...] a identidade não é inata, antes refere-se a uma maneira de ser e de estar no mundo. É um fator importante na criação das redes de relações e de



referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivais, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares, referências civilizatórias que marcam a condição humana. (Gomes, 2005, p. 41).

Assim a identidade não está presa apenas ao nível cultural, ela envolve em cada sociedade, tanto o nível cultural quanto os níveis sociopolíticos e o nível histórico. Desse modo a construção de uma identidade negra positiva representa um enorme desafio aos afro-brasileiros, pois uma sociedade que desde os seus primórdios levou o negro a acreditar que se quisesse ser aceito, seria necessário negar-se a si mesmo.

Assim, a imagem negativa de um grupo leva as pessoas a serem julgadas e tratadas negativamente, sendo possível que a criança se sinta inferiorizada, percebendo o tratamento que lhe é dado, seja pela escola ou sociedade, interferindo diretamente no processo de aprendizagem da criança, por provocar ausência do seu reconhecimento positivo de seu pertencimento racial. As representações do corpo negro marcadas por estereótipos negativos, concepções de um corpo feio, malcheiroso, cabelo ruim, acaba acarretando vergonha na criança negra desde a Educação Infantil, mexendo com sua autoestima, sendo necessária uma intervenção adequada. Essas intervenções precisam ser feitas, mas se os profissionais não souberem lidar com as situações que ocorrem no dia a dia escolar, o que se poderá produzir crianças que negam sua condição por não se sentirem valorizadas.

Esse processo apresenta desafios, em termos de formação, implica tomar conhecimentos, entender e questionar quanto ao tipo de formação que temos desenvolvidos com as crianças que chegam de suas famílias com suas identidades étnico-raciais em construção, sendo necessário que a escola crie mecanismos em como trabalhar esses aspectos. Assim, a identidade é entendida como processo contínuo construído por negros em vários espaços de convívio, institucionais ou não, e que essa identidade é também construída durante os processos escolares.

De acordo com Gomes (2005) a escola tem a responsabilidade social e educativa de compreendê-la na sua complexidade, respeitá-la, assim como as outras identidades



construídas pelos sujeitos que atuam no processo educativo escolar, e lidar positivamente com ela.

É importante para a construção da identidade das crianças negras e não-negras a escola disponibilizar, em seus murais, cartazes informativos e decorativos personagens de diversas etnias, essas são medidas simples que podem ser tomadas, mas que causarão impactos positivos no desenvolvimento de todos os alunos. De acordo com Rocha (2011) não se pode “colocar na escola toda a responsabilidade da superação do racismo, mas deve ser levado em consideração que as instituições educacionais formam um ambiente propício não só para a intervenção de trabalhos comprometidos com a diversidade e cidadania, mas também para a formação de cidadãos conscientes e respeitosos.

O uso dos espaços e materiais é dinâmico e o compromisso dos profissionais com as aprendizagens, o desenvolvimento, o bem-estar e os direitos das crianças, aliado à criatividade e à sensibilidade para identificar e atender às demandas infantis pode contribuir para minimizar os limites colocados por políticas que menosprezam a educação das crianças. Um passo importante nessa direção é a consciência de que, ao expressar e favorecer o projeto pedagógico, o ambiente também participa da construção da identidade de pessoas e de sociedades com determinadas características.

Nesse sentido nos faz refletir no que tange o papel da escola no processo de formação da identidade da criança negra, na qual a escola deve promover reflexões no cotidiano escolar, problematizando esse processo de exclusão constituído historicamente, valorizando a criança negra, o seu passado, através de histórias, ilustrações de personagens negros e não somente trabalhar a temática em datas comemorativas de forma descontextualizada. Pois mesmo diante do amparo legal conquistado, sabemos que ainda são poucas as experiências significativas que priorizam a construção da identidade da criança negra. Assim, entendendo a identidade como processo em transformação, esse aprendizado pode ser modificado, tanto para as crianças brancas quanto para as negras, levando a possibilitar mais respeito no trato com as relações raciais, sendo importante um trabalho focado na construção da identidade.



## **Práticas pedagógicas na educação infantil voltadas para as questões raciais**

No âmbito da Educação Infantil ainda se evidencia o desafio de desenvolver práticas pedagógicas e de intervenção focalizadas nas relações étnico-raciais. Um processo pedagógico que respeite a criança em sua singularidade pode ser construído por diversos caminhos, pois no decorrer do seu desenvolvimento a criança se apropria, transforma em suas aquisições interiores, sua forma de interação externa com o meio. De acordo com Vigotski até mesmo quando o meio se mantém quase inalterado, o próprio fator de que a criança se modifica no processo de desenvolvimento conduz a constatação de que o papel e o significado dos elementos do meio, que permaneceram como que inalteráveis, modificam-se... Ou seja, ainda que esse meio se mantenha quase que inalterado, as mudanças das crianças nos seus processos de desenvolvimento, ao longo dos anos, acabam por influenciar também as relações que constroem com ele.

Segundo Lima (2005) é na Educação Infantil que são formados os primeiros embriões dos valores humanos, costumes e princípios, éticos e, assim qualquer indício de discriminação poderá ser discutida e combatida na sua raiz. A Educação Infantil enquanto primeira etapa da educação básica, precisa contribuir para uma educação moral, fundamentada em valores, que busque estratégias para combater todo tipo de discriminação.

Nesse âmbito, a Educação Infantil é um ambiente rico para desenvolver a diversidade presente em sala de aula, sendo de extrema importância destacar as metodologias utilizadas pelos professores, reconhecendo se as crianças estão sendo influenciadas pelos contextos de ações que estão sendo apresentadas, destacando as mediações nos momentos de brincadeiras, interações entre as mesmas.

De acordo com Gomes (2001) os estudos devem iniciar-se entre os professores, a discussão sobre as questões raciais, a importância, assim como o porquê de se trabalhar com elas, devem ficar bem definidas e compreendidas entre os educadores e funcionários da escola. É necessário que os professores adquiram conhecimentos em relação à cultura e tradição



africana no Brasil, para estarem embasados no desenvolvimento do trabalho pedagógico. Diante desse contexto, as questões afros, precisam ser iniciados na Educação Infantil a fim de evitar a formação de cidadãos preconceituosos

As políticas públicas voltadas para o ensino de História e cultura Afro-Brasileira têm como meta o direito dos negros se reconhecerem na cultura nacional e expressarem visões de mundo próprias, manifestando sua autonomia seja ela individual ou coletiva (OLIVEIRA, 2010). Em muitos espaços educativos, a questão da raça e do racismo passa despercebida pelos sujeitos da escola, vivemos um mito da democracia racial e precisamos parar de reproduzir o silêncio sobre as questões raciais dentro e fora da escola, por isso a lei 10.639/03 é importante no sentido de atuar desvendando mitos criados e desconstruindo ideologias de inferioridade e incapacidade do negro.

Gonçalvez (1987) aponta que os pequenos afro-descendentes são retratados de maneira negativa nos textos escolares, o que resulta em efeitos psicológicos negativos na criança negra. A discriminação está também nas histórias infantis, pois, os personagens são, em geral, representados por brancos. Este fato “impõem às crianças negras um ideal de ego branco”. Esses fenômenos podem se prejudiciais para o desenvolvimento das crianças negras, uma vez que,

[...] imagens estereotipadas induz a criança negra a inibir suas potencialidades, limitar suas aspirações profissionais e humanas e bloquear o pleno desenvolvimento de sua identidade racial. Cristaliza-se uma imagem mental padronizada que diminui, exclui, sub-representa e estigmatiza o povo negro, impedindo a valoração positiva da diversidade étnico-racial, bloqueando o surgimento de um espírito de respeito mútuo entre negros e brancos e comprometendo a idéia de universalidade da cidadania (Rocha, 2011, p.36).

Se as crianças negras receberem mensagens positivas dos adultos e de seus pares acerca de seus atributos físicos e demais potencialidades, aprenderão a se sentir bem consigo. De outro lado, se as crianças brancas aprendem que seus atributos físicos e culturais não são os melhores nem os únicos a serem valorizados, os dois grupos aprenderão a considerar as diferenças como parte da convivência saudável.



Investir em um trabalho de orientação de educadores que atendem esse nível de escolarização, sobretudo daqueles mais sensíveis e interessados em desmistificar idéias falsas sobre os negros, cristalizadas no imaginário da população, pode ser fundamental para enfrentar a questão racial, pois muitas vezes os profissionais da educação se calam quando este assunto é tratado, por falta de conhecimento, e também, de percepção da ação racista, ou por ter consciência racista mesmo.

No contexto da Lei 10.639/03, a discussão relacionada às questões raciais deve fazer parte dos processos de formação inicial e continuada de professores e das discussões em sala de aula. Como bem salienta Gomes (2007):

[...] a escola e seu currículo são impelidos, na atualidade, a incluir tal discussão não só na mudança de postura dos profissionais da educação diante da diversidade étnico-racial, como também na distribuição e organização dos conteúdos curriculares; para tal, será necessário o investimento na formação inicial e continuada de professores (p. 78).

A aceitação da diferença como um exemplo da diversidade humana é um dos caminhos para a construção de um verdadeiro processo educativo. Estando coerente com essa realidade, a prática pedagógica dos profissionais da educação deve considerar que todos os que participam do processo educativo se diferenciam quanto às formas de aprender, às trajetórias de vida, à idade, à cultura, às crenças, à classe, à raça entre outros.

Santos e Costa (2014) propõe repensar o papel da escola na formação de identidades, tomando como referencial a educação infantil nas relações étnico-raciais. Destacam a necessidade de formação de educadores preparados para lidar com a diversidade cultural em sala de aula. Segundo esses mesmos autores, não se trata de educar todos como iguais, mas sim educar na diferença, ressaltando as especificidades.

O compromisso com uma Educação Infantil de qualidade para todos que respeite as diferenças inerentes a cada criança é fundamental para que elas gozem de seu direito a educação e também de seu direito ao respeito à cidadania. Rosenberg (1999) afirma que:

[...] no caso da Educação Infantil, uma política de equalização de oportunidades para crianças brancas e negras significa equalização do padrão



de qualidade (ou pelo menos redução drástica das desigualdades atuais) o que passa, hoje, pela formação educacional dos docentes que educam e cuidam de crianças pequenas em creches e pré-escolas.

Nesse sentido, ao explorar a diversidade étnico-racial junto às crianças da educação infantil implica reconhecer que este nível de educação apresenta, também, como função, inserir a criança na cultura. Inserindo-se na cultura, a criança é oportunizada a aprender seus costumes, sua história, e a construir conceitos e opiniões, bem como, a construir sua própria cultura. Para Sarmiento (2005), a criança, como ser social pleno, é dotada da capacidade de ação cultural criativa. Para Gomes (2007), a cultura africana e afro-brasileira, explorada em práticas pedagógicas da Educação Infantil, representa um exemplo dessa inserção, que pode favorecer aprendizagens de comportamentos distantes de atitudes preconceituosas e de discriminação com o negro. Ou seja, a criança aprende cultura.

Compreende-se que o reconhecimento positivo das diferenças deve ser proporcionado desde os primeiros anos de vida. Para tornar a pré-escola um espaço positivo ao entendimento das diferenças étnicas, é necessário observarmos o processo de socialização atualmente desenvolvido no espaço escolar, que, conforme demonstrado por diversos estudos e pesquisas, parece ignorar essa questão. Contudo, a educação infantil não pode esquivar-se do dever de preparar o indivíduo para a existência das diferenças étnicas, já que ela, inevitavelmente, permeará a sua relação com os demais cidadãos. (Cavalleiro, 2006, p. 26).

As práticas vivenciadas na Educação infantil podem possibilitar à criança negra a descoberta do seu pertencimento étnico-racial de uma maneira positiva, bem como podem auxiliar as não negras a se relacionarem bem com a diferença. Logo, os espaços educativos como um todo e, particularmente, a Educação Infantil precisam constituir-se como territórios qualificados onde são incorporados a Educação em para os Direitos Humanos, bem como os desejos e valores de uma sociedade verdadeiramente justa e igualitária.

## **Considerações Finais**

A presença desse debate na Educação Infantil sobre a diversidade étnico-racial deve provocar mudanças na elaboração de práticas pedagógicas, a construção positiva da



identidade da criança negra por meio de histórias, vídeos, fotografias, narrativas que evidenciem o trato afirmativo das identidades étnico-raciais, de forma intencional e contínua. Compreendendo que a Educação Infantil como primeira etapa da educação básica tem um papel importante na formação social e individual da criança, e é a partir dela que os professores precisam trabalhar o respeito às diferenças, assim como promover a autoestima das crianças negras, tendo desde muito cedo o contato com a cultura afro-brasileira, promovendo assim uma sociedade mais justa e que respeite as diferentes culturas.

Assim esse estudo, caminhou para o reconhecimento e a efetivação da Educação em Direitos Humanos na perspectiva de uma sociedade mais justa, equânime e que reconheça as diferenças, bem como as valorize. Portanto, cabe às instituições escolares, junto ao corpo de professores, desenvolver um currículo plural e com práticas de igualdade e equidade, bem como uma educação antirracista. e desejamos que as experiências vividas no contexto da Educação Infantil contribuam para alimentar em todas as crianças um sentimento de segurança e de pertencimento, de acolhimento às suas singularidades, precisamos lhes oferecer, nas suas experiências cotidianas, elementos para se reconhecerem e valorizarem suas peculiaridades (físicas, culturais, religiosas etc.), assim como as das demais crianças e dos adultos. Vale ressaltar que esse ambiente deve contar com uma imagem de criança competente, ativa e curiosa, de tal forma que possa interagir de maneira criativa e relativamente autônoma com tais elementos, assim como com professores e famílias.

Portanto, espera-se que com esse artigo esses desafios encontrados nas escolas possam oferecer caminhos para a ampliação dos saberes sobre as questões étnicas, pois as crianças aprenderão, desde muito cedo que as práticas de discriminação ou racismo é incorreto e fere o direito do seu próximo e que os professores tenham consciência da importância de trabalhar a questão racial tendo um trabalho pedagógico comprometido com a cidadania, assumindo um compromisso ético e político, incluindo nas práticas pedagógicas metodologias uma análise crítica da sua própria prática, estimulando atitude reflexiva sobre os acontecimentos de seu cotidiano escolar.



## Referências

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil**. Brasília, MEC, 2009.

CANDAU, Vera Maria. Educação em direitos humanos: desafios atuais. In: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy (org.). **Educação em Direitos Humanos: fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2007. p. 399-411.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 5. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

GONÇALVES, L. A. O. Reflexão sobre a particularidade cultural na educação das crianças negras. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 63, p. 27-29, nov. 1987.

GOMES, Ana Maria Rabelo. Aprender a cultura. In: GUTIERREZ, A.; LOUREIRO, H.; FIGUEIREDO, B. **Cultura e Educação: parceria que faz história**. Belo Horizonte: Mazza Edições; Instituto Cultural Flávio Gutierrez/MAO, 2007. p. 29-43.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. P. 39-62.

ROSEMBERG, F. Expansão da educação infantil e processos de exclusão. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 107. 1999.

SANTOS, S. E. dos. **As crianças (in)visíveis nos discursos políticos da educação infantil: entre imagens e palavras**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2014.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 1987. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2011.